

WICCA

A GRANDE ARTE DA BRUXARIA VERDE



MAGIA POPULAR, SABEDORIA DAS
FADAS e ARTE DAS ERVAS



n Moura (Aoumiel) deve tanto o Bacharelado no o Mestrado em História da Arte. Ela é casada, tem uma filha e um filho, e é uma certificada professora de história do Ensino Médio. Tem sido uma praticante solitária da Bruxaria Verde por mais de vinte anos. Ela criou o seu nome mágico, Aoumiel, para levar sua visão pessoal do equilíbrio dos aspectos masculinos e femininos do vino. Sua mãe e sua avó são brasileiras versadas em Bruxaria dos descendentes ibéricos que, enquanto eravam com uma estrutura geral do Catolicismo, transmitiram uma herança de magia popular e conceitos da Bruxaria que envolviam espiritismo, divindades celtas antigas, feitiços herbais, magia Verde, crença na encarnação e regras para usar "o poder".

Bruxaria foi abordada igualmente em sua infância, tendo experimentada ouvida conforme as situações ocorreram. Com os conceitos de feitiços com velas, ações herbais com a magia, espiritismo, encarnação, regras de

Q. Natureza e
João Lusitano P.A.N.C. Santos
12/2003

WICCA

A GRANDE ARTE DA BRUXARIA VERDE

MAGIA POPULAR, SABEDORIA DAS FADAS e ARTE DAS ERVAS



ÍNDICE

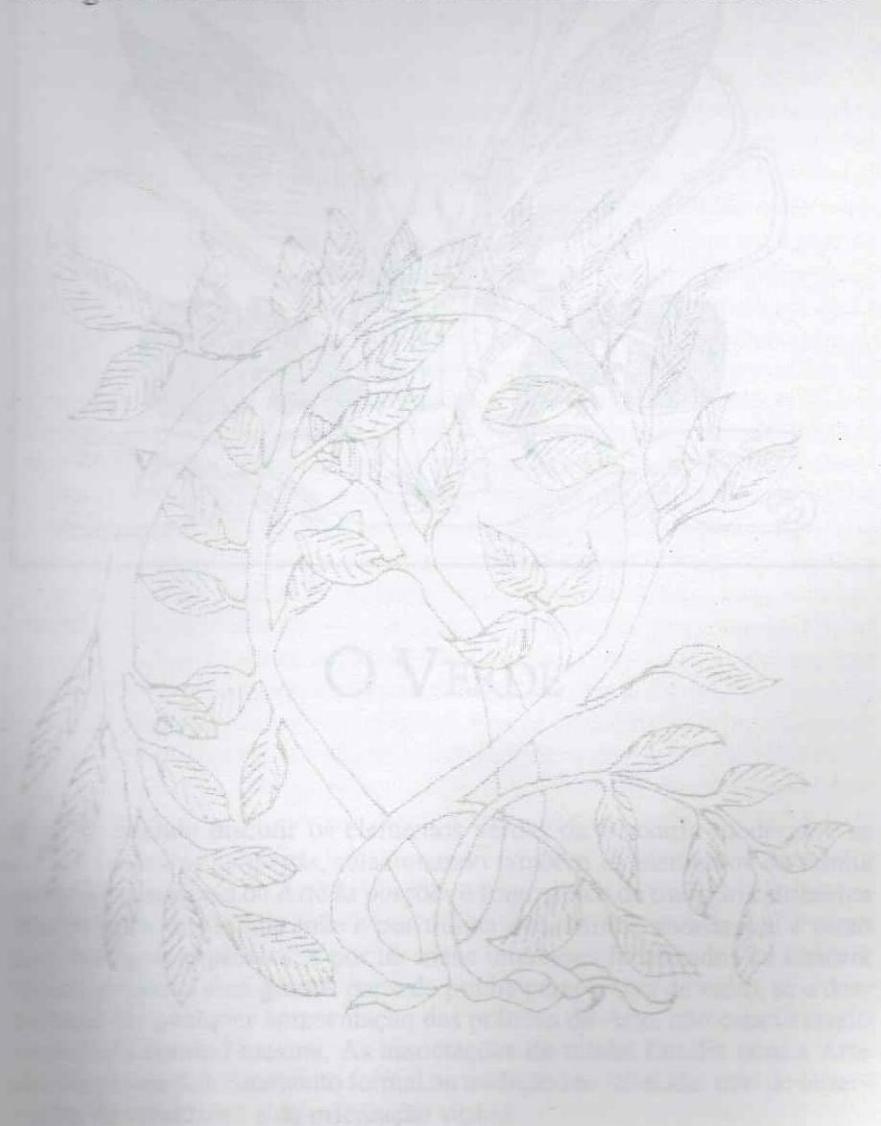
1. O Verde	15
História Verde	18
A Conexão de Tudo	21
A Lei do Retorno	25
Uma Religião e uma Arte	25
Solitária ou Pública?	26
A Herança da Avó	26
Chegando em Casa	29
Conexões da Arte	30
Uma União Simbólica	31
A Chave para o Verde	34
Festivais Verdes	34
Poder Pessoal	35
2. Princípios Básicos	37
A Décima Segunda Noite e Outras Celebrações	38
A Vida-Mito e os Sabás	39
Questões Modernas na Celebração dos Sabás	42
As Diferentes Maneiras de Celebrar os Sabás	43
Uma Jornada Pessoal	44
Raízes Pagãs	48
O Altar do Sabá	50
Celebrações do Esbá	51
Rituais Alternativos	52
O Significado dos Nomes	53
O Ritual de Dedicação	55
Auxílios de Viagem	55
Fazendo os Agradecimentos Apropriados	56
3. Bruxas e Ervas	59
A Importância do Conhecimento Herbáceo	60
Estudo de Caso: Ervas como Contraceptivos	61
Educando-se a Respeito de Ervas	62

O Jardim de Ervas da Bruxa	64
Eervas e suas Qualidades	65
As Eervas e os Ciclos da Lua	70
Eervas para Incenso e Magia da Vela	71
Bruxas e Árvores	73
Os Dias da Semana e as Árvores	74
Coleta e Armazenamento de Eervas	74
Tratamentos Herbáceos	75
Termos Medicinais	75
Banhos de Eervas	76
Travesseiros dos Sonhos	76
Relações entre as Cores	77
Significado das Eervas	78
Eervas em Rituais	79
Como Oferendas	79
Em Rituais de Sabás	79
Em Rituais da Lua	80
Em Rituais com Data Marcada	81
Dias	81
Horas	82
O Livro de Encantamentos de uma Bruxa	83
A Relação de uma Bruxa com a Natureza	84
 4. Vida Verde	85
Magia Cerimonial	85
A Influência Ariana	86
A Influência Verde	87
História da Arte	87
Tradições Essenciais	90
A Rede Wiccan	90
O Chamado da Deusa	92
A Runa das Bruxas	93
As Bênçãos Quíntupla e Sétupla	94
Outros Códigos Verdes	96
Sabedoria Familiar	98
 5. Magia	103
Bruxa ou Wiccan?	104
A Prática de Magia	105
Imagens Nativas Americanas e Magia	106
Tipos de Magia	107
Os Componentes do Ritual Mágico	108
O Círculo Significativo	108
Preparações Mágicas	109

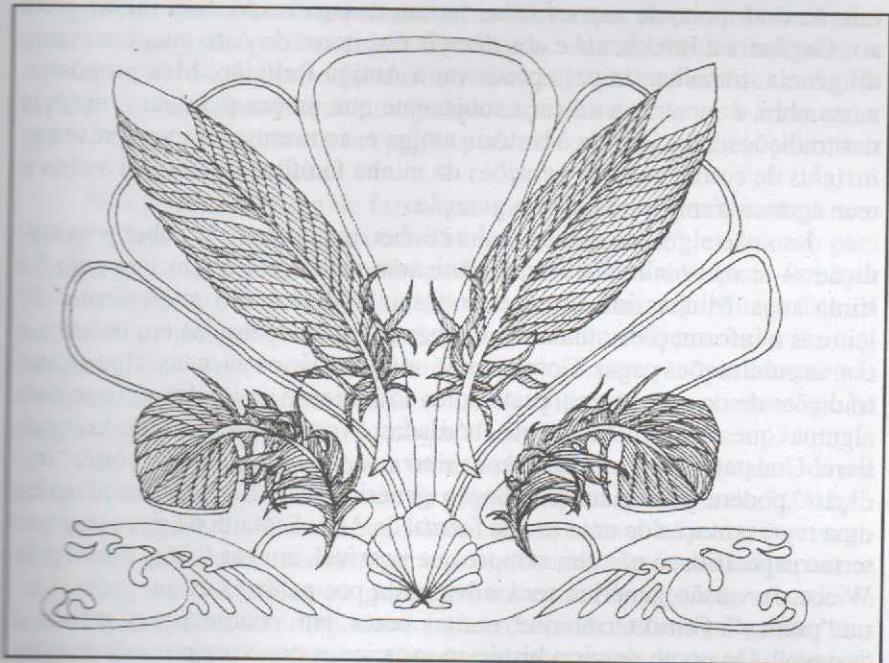
Tabelas Rúnicas	113
Magia da Vela	115
Simbolismo da Adivinhação	116
6. Práticas Mágicas	121
Técnicas de Adivinhação	121
Adivinhação com Chá	122
Adivinhação com uma Bola de Cristal	127
Adivinhação com Cartas	127
Arcanos Maiores (22 Cartas)	134
Arcanos Menores (56 Cartas)	136
Práticas Mágicas com Ervas	139
Banhos de Ervas	139
Óleos Herbais	140
Fatores do Trabalho Mágico	144
Fatores de Tempo	144
Fatores da Lua	145
Precauções	146
Runas	146
Saúde (I)	146
Saúde (II)	147
Amor	148
Dinheiro	150
7. Rituais Verdes	153
<i>Normas de Conduta</i>	157
Uma Bênção Verbal da Bruxa Verde	157
Sabás Menores (Quartos)	157
Sabás Maiores (Quartos Cruzados)	158
O Altar	158
O Círculo	159
Cerimônia Básica	159
Ritual de Iniciação/Rededicação	162
Ritual de Dedicação	166
Ritos de Passagem	172
Batismo (Apresentação)	173
Apresentação do Nome (Rito de Maioridade)	174
Casamento Wiccan (Pulando a Vassoura)	178
Divórcio Wiccan (Separação das Mão)	180
A Passagem para a Terra do Verão	181
8. Os Esbás	183
Preparando seu Altar	183
Rito do Esbá da Lua Cheia	184
Consagração de um Instrumento	187

Preparando seu Altar	190
Rito do Esbá da Lua Nova.....	190
9. Sabá de Yule — 21 de Dezembro	197
Preparando seu Altar	198
Instruções para a Cerimônia	199
Atividades de Yule	204
Algumas Cantigas Familiares de Yule com Letras pagãs	205
10. Sabá de Imbolc — 2 de Fevereiro	209
Preparando seu Altar	209
Instruções para a Cerimônia	210
Ritual de Rededicação	213
Atividades de Imbolc	216
11. Sabá de Ostara — 21 de Março	219
Preparando seu Altar	219
Instruções para a Cerimônia	220
Atividades de Ostara	225
12. Sabá de Beltane — 1º de Maio	227
Preparando seu Altar	227
Instruções para a Cerimônia	228
Atividades de Beltane	233
13. Sabá de Litha — 21 de Junho	235
Preparando seu Altar	235
Instruções para a Cerimônia	236
Ritual de Rededicação	239
Atividades de Litha	242
14. Sabá de Lughnassadh — 1º de Agosto	245
Preparando seu Altar	245
Instruções para a Cerimônia	246
Atividades de Lughnassadh	251
15. Sabá de Mabon — 21 de Setembro	255
Preparando seu Altar	255
Instruções para a Cerimônia	256
Atividades de Mabon	261
16. Sabá de Samhain — 31 de Outubro	263
Preparando seu Altar	263
Instruções para a Cerimônia	264
Atividades de Samhain	270
Nota de Despedida	270

Epiólogo	273
Apêndice — Influências Arianas e Dravídicas sobre as Religiões Ocidentais	277
Índice Remissivo	283
Bibliografia	285



I



O VERDE

*P*retendo discutir os elementos verdes da Bruxaria moderna e as práticas neopagãs, relacionando também os elementos da minha própria experiência da Arte às porções e fragmentos da tradição celtibérica transmitidos por minha mãe e por minha avó. Minha abordagem é tanto histórica quanto pessoal; e por ter meus interesses focalizados na história (pois representa uma grande parte de minha perspectiva de vida), se a descessasse em qualquer apresentação das práticas da Arte, não estaria sendo verdadeira comigo mesma. As associações de minha família com a Arte não decorrem de treinamento formal ou tradição reconhecida, mas de observação, de atividades e de orientação verbal.

Uma parte significativa da prática da Arte foi suavemente silenciada com a passagem pelas gerações. Só nas últimas décadas, com a formalização das tradições da Bruxaria, foram criadas práticas para preservar sua transmissão oral, pois, de outra forma, teriam desaparecido. Sou muito grata aos Gardners e Bucklands e aos demais escritores da Arte que, com tanta diligência, trabalharam para preservar a Antiga Religião. Meu propósito, nesta obra, é mostrar a ameaça subjacente que parece permear a maioria das tradições, relacioná-la à história antiga e, ao mesmo tempo, apresentar *insights* de como, por três gerações da minha família, esse fio foi tecido e tece agora a trama numa quarta geração.

Isso não significa que eu tenha conhecimento de tudo sobre uma tradição — e não tenho. Sou uma praticante solitária e assim tem sido há trinta anos. Minhas informações sobre as tradições são provenientes de leituras e informações atualizadas sobre a Arte encontradas em boletins e outras publicações pagãs. Correspondo-me com vários wiccans, alguns com tradições de *coven* e outros, praticantes solitários, e assim deparei-me com algumas questões, repetidamente abordadas, as quais serão focalizadas neste livro. Constatei que existem termos e *termos*, ou seja, palavras como “tradição” podem perder sua conotação genérica, banal, e ser consideradas uma representação de uma escola formal da Arte. Evitarei o emprego desse termo específico, a não ser, sempre que possível, em sua forma aceita pela Wicca. A versão genérica será substituída por palavras como “costume” ou “prática”. Outro termo que, muitas vezes, tem conotações negativas é “ariano”. Do ponto de vista histórico, os arianos eram um povo de regiões da Ásia central, que se estendeu para o oeste até a Ucrânia, sendo absorvido pelas culturas que conquistou há cerca de 3 mil anos. Nesta obra, não se fará qualquer relação com os arianos e os nazistas do século XX, ou com as intolerâncias racial, étnica e religiosa modernas. Os arianos, como povo distinto, simplesmente não existem mais, ainda que sua herança, assim como a do povo dravídico do subcontinente da Índia, seja encontrada em todo o mundo moderno.

Minhas práticas pessoais envolvem elementos que me atraem, mas nem por isso refletem a aprovação de qualquer outra tradição ou prática. Para fazer justiça, muitos costumes pagãos reconhecidos como de um grupo em particular são, na realidade, práticas comuns e mais antigas, formalizadas por esse grupo. O uso de um círculo não terá um significado mais Cerimonialista que a invocação de Brígida como católico romano. Os círculos são um costume que antecedem em milhares de anos os Cerimonialismos Medieval, e Brígida, por sua vez, era uma Deusa muito antes de ter se tornado uma santa cristã. Muitos templos pagãos e sítios sagrados são reconhecidos como cristãos — de Lourdes a Notre Dame —, mas hoje não é possível reivindicar, com qualquer validade histórica, que antigas crenças subjacentes às modernas sejam um domínio da modernidade. As quatro direções, os

elementais, o centro do espírito, a estrela de cinco pontas, a estrela no círculo — todos são imagens que datam de 10 mil a 12 mil anos sem a formalização da Wicca ou da tradição Cerimonial. Não obstante, foi graças às tradições Cerimonialistas e à moderna Wicca que esses símbolos e costumes antigos não perderam seu significado. A maioria das imagens da Arte e do Cerimonialismo foi encontrada à espreita nos escuros recessos das religiões dominantes, como o judaísmo, o Cristianismo e o islamismo, aproveitando o movimento neopagão para emergir das sombras e retornar a um ponto focal primário.

Minha tendência é a de fazer uma abordagem pragmática da Arte e das religiões em geral, o que contribui pouco para a “fé”, mas muito para estabelecer uma conexão com os poderes universais dos quais fazemos parte. A idéia de uma Deidade Dual imanente torna supérflua a fé e dá acesso a uma proposição mais fácil. Tudo isso contribui para estar em sintonia com as energias que fluem ao nosso redor e para reconhecer que nós e essas energias somos uma coisa só. A comunicação é contínua e não há uma chave comutadora para “desligar”.

Tenho a impressão de que a unidade humana com a força da vida era o estado normal das coisas antes da grande expansão ariana de 2100 a.C. Foi pela carência de líderes e seguidores, numa cultura belicosa, que surgiram as religiões mais recentes, gerando a necessidade de deidades para se impor às classes dominante e guerreira, com a interposição do sacerdócio entre as massas e a elite. O poder dos sacerdotes não estava nas armas, mas no espírito e, com o tempo, isso afastou o povo comum de sua unidade com o Universo em benefício da casta sacerdotal. Desde então, esse poder espiritual tem estado em guerra constante com o poder temporal (político). Essa é a fonte de atrito entre profetas e reis, papas e reis, pregadores e funcionários do governo — quem realmente governa o povo: os políticos, os legisladores ou os guias espirituais que se comunicam com Deus?

Com o ressurgimento das práticas pagãs nos tempos modernos, a classe sacerdotal viu-se sob a ameaça de uma significativa perda de poder. O humanismo e o Neopaganismo secular passam de mão em mão e são alvos de propaganda e histeria no mundo moderno — a mentalidade de Salem de nossos tempos. Os aspirantes a políticos aliam-se, e continuarão a aliar-se, a líderes do clero para adquirir poder e domínio. Uma facção alimenta-se de outra: ministros religiosos tornam-se poderosos expondo-se na mídia a um grande número de pessoas comuns, dando seu apoio a uma personagem política que, por sua vez, adquire poder expondo-se igualmente nos meios de comunicação a um grande público e pedindo o apoio do clero. Assim, é possível ver Nixon e Billy Graham, Kennedy e o Cardeal O'Connell, Bush e Pat Robertson, e assim por diante, unidos no mesmo propósito de controlar o governo dos americanos. Os livres-pensadores, sem essas parcerias políticas, geralmente são ignorados ou difamados.

Meu objetivo básico é, então, reunificar o indivíduo com as energias do Universo por meio de vários exercícios das tradições Wicca e magia Cerimonial. Minha abordagem pessoal não é a de assumir um compromisso com uma tradição; tomei emprestado o que desejava e descartei o que achei conveniente (ainda descarto). Embora eu não seja um membro de uma tradição específica, uso as várias práticas encontradas nas diversas tradições por ajudarem em minha união com o Divino. Emprego poucos elementos que, geralmente (ou absolutamente), não são reconhecidos nas tradições formais, mas foram reunidos de minha mãe e minha avó no âmbito do que, no passado, foram conceitos comuns ainda identificáveis em mitos e histórias. Não é minha intenção ofender ou desacreditar qualquer tradição, mas não posso ignorar os costumes sob os quais cresci, ou que percebo terem se tornado um ponto de interesse para muitas pessoas na Arte. Essas questões serão explicadas, no desenrolar do texto, para que o lado prático seja compensado pela crença.

É importante que as informações estejam disponíveis para que se tomem decisões informadas. Um júri é composto de pessoas que se sentam e, durante um julgamento, ouvem todas as provas, e depois são requisitadas a tomar uma decisão. Assim como se confia em pessoas para uma decisão sobre questões legais, são elas que deverão tomar decisões racionais sobre as questões do espírito. Temos nossas mentes e basta colocá-las para funcionar em conjunto com nossos espíritos para que sejamos seres completos e atuantes. Assim como a Senhora e o Senhor são Um, minha perspectiva é a de nos unificarmos dentro de nós mesmos. Nossas mentes podem trabalhar com nossos espíritos para oferecer-nos uma conexão com as energias do Universo e com cada um de nós.

História Verde

Nesta obra, o uso do termo “Verde” como um elemento essencial de Bruxaria procede de várias fontes facilmente identificáveis no Paganismo moderno. O verde é a cor usada para descrever o culto à natureza e o uso das ervas, ambos uma parte integrante da humanidade desde os tempos primeiros. Relaciona-se ao Senhor e à Senhora da Floresta Verde, o Pai Primordial e a Mãe Primordial, a Mãe-Terra e o Senhor do Bosque. Os povos celtas e gaélicos usavam essa cor para denotar os espíritos da terra, as *fadas* (termos utilizados sem associação com azar ou predestinação, como em algumas literaturas), como se nota numa variedade de lendas em que a simples menção da cor revela a verdadeira natureza da pessoa envolvida. Recomendo muito a obra de Katherine Briggs, *An Encyclopedia of Fairies* para se obter uma excelente análise e compilação de temas, lendas e contos de fadas.

O verde era uma cor importante para as pessoas das Ilhas Britânicas, que mantinham regras específicas para fabricar e usar a tintura verde. Os homens podiam participar do trabalho do cultivo da planta, mas as demais partes do processo de tintura eram executadas somente por mulheres. O matiz natural e apropriado da cor era o resultado de um procedimento longo e participativo que podia integrar um ritual (veja *The Witches' Almanac*, 1992-1993, Pepper e Wilcox, pp. 88-89, para alguns detalhes fascinantes colhidos de Briggs, Lady Wilde e outros). Se inadequadamente criada, a cor era considerada de mau agouro. É preciso muito cuidado quando se trabalha com as cores do Outro Povo, mas, independentemente do material ter sido bem ou mal tingido, os escoceses consideram-na uma cor de mau agouro que só deve ser usada por alguém em sintonia com a terra e a Arte do Sábio.

Embora as fadas figurem nos elementos Verdes da Bruxaria, não se trata das mesmas tradições de fadas ou elfos da Wicca. As antigas origens das práticas da Arte Verde são facilmente identificáveis em aspectos das várias tradições atuais de Bruxaria (ou Wicca), magia Cerimonial e diversas práticas geralmente agrupadas sob o título de Neopaganismo. Nessas expressões pagãs, os fatores Verdes são o fundamento sobre o qual as idéias e as práticas mais recentes se estratificaram. Esse sólido nível básico provém principalmente do que constituía a "Antiga Religião", tal como era antes das inovações de deidades políticas, dogmas autoritários, sacerdócio designado, rituais complexos e graus de iniciações.

Nos sistemas nórdico-teutônicos (muitas vezes identificados como "arianos" no sentido histórico do termo), o nível básico é chamado de Verde, enquanto os níveis adicionais, "mais elevados", que são o Vermelho e a unificação de Azul e Branco, tornam-se o foco primário de adoração e prática. A identidade e função das deidades, entretanto, oferecem evidências de suas origens e propósitos reais. O Verde pertence ao Senhor e à Senhora (*Frey e Freya*, em tradução literal); para o Senhor representa a abundância e a fertilidade e, para a Senhora, a paz e o amor e ainda os imensos poderes da magia. O Vermelho pertence ao Guerreiro (*Thor*), representando a força. O nível superior é dividido entre o Branco, que pertence ao Legislador (*Tyr*), simbolizando a lei e a ordem sociais, e o Azul, que pertence ao Soberano (*Odin*), representa o poder paterno do chefe, o poder mágico (runas) e o auto-sacrifício mágico. Essas mesmas deidades aparecem em outras estruturas religiosas (mas com nomes diferentes).

A Senhora pode deslocar-se para o reino superior de Odin, e ela supostamente lhe ensinou sua magia, cujo efeito prático foi que Odin, uma deidade mais recente, usurpou a posição de Senhor do nível Verde, no sistema nórdico. Uma deidade de governo foi criada há cerca de 4 mil anos para se equiparar à realidade política de um modo de vida comunitário que estava sendo substituído por uma sociedade governada; portanto, as deidades dos níveis Vermelho, Branco e Azul são inovações relativamente recentes,

especialmente destinadas (ou evoluídas) a autorizar a nova situação política. No entanto, como descreve Edred Thorsson em *Northern Magic*, o nível Verde é o nível verdadeiro da bruxa.

Em meu livro, *Dancing Shadows: The Roots of Western Religious Beliefs*, fiz uma reconstituição dos níveis nórdicos ao longo do tempo. Embora as novas deidades, como o Guerreiro, o Legislador e o Soberano, sejam encontradas já há 4 mil anos, as mais antigas práticas religiosas conhecidas da humanidade são originárias de um povo chamado dravídico, que vivia no Vale do Indo. Sua religião, remontando a 30 mil anos, disseminou-se através dos milênios por tribos de mercadores navegantes, constituindo o núcleo dos sistemas pagãos em toda a Europa.

O povo dravídico ainda existe como um grupo étnico distinto na Índia de hoje, e suas práticas, em grande parte, refletem o que costumamos chamar de Paganismo europeu — os conceitos e até os nomes são reconhecíveis. A Deidade Dual da região do Indo, o Shiva (ou *Isha*) dravídico (e não hindu) e Shakti (ou *Uma, Danu*), pode ser vista de uma perspectiva que remonta a uma época de migrações e rotas comerciais como a precursora da dualidade européia do Senhor e da Senhora — o Deus Cornífero do amor, fertilidade e vida selvagem e a Deusa da vida, morte e renascimento — que mais tarde veio a ser conhecida por nível (base) Verde da tradição Odinista (*Asatru*). O nível Verde reflete a religião primitiva antes do estabelecimento das classes guerreira e governante, antes, até mesmo, da necessidade da criação de deidades políticas para autorizar o poder dos soberanos, por meio de uma classe sacerdotal. Foi esta última classe que provocou, mais tarde, a separação do povo de suas deidades, levando ao padrão subsequente do distanciamento de Deus, refletido nas principais religiões modernas.

É significativo compreender aqui que, ao escrever sobre o estilo Verde de Bruxaria, estarei tratando de deidades que passaram a ser uma parte da tradição hindu védica com base ariana, mas essas deidades antecedem, em dezenas de milhares de anos, até mesmo essa antiga religião. Não se trata, por exemplo, de misturar panteões para observar tanto Shiva quanto Cernunos. As origens de Cernunos remontam ao Shiva dravídico que, em descobertas arqueológicas do Indo, é representado com chifres e cercado de animais selvagens e domésticos, simbolizando a fertilidade e o amor, ensinando e abençoando em postura de ioga. Cernunos, observado no caldeirão celta mais recente de Gundestrup, também está sentado em postura de ioga, tem chifres e é cercado de animais, com uma das mãos para o alto abençoando. Essa é a deidade que os celtas levaram para a Europa, sendo eles próprios uma herança dravídica, um povo cuja entrada na Europa e nas Ilhas Britânicas (pela Península Ibérica) ocorreu a partir de seu lar, na Lídia, como consequência das expansões das tribos arianas de 2000 a 1000 a.C. No Apêndice, apresento uma discussão adicional sobre o desenvolvimento religioso.

Em minha prática da Arte, tentei me aproximar o máximo possível dos costumes Verdes e descobri que isso não envolve o estabelecimento de litanias, pregadores ou rituais estilizados, exigências de vestimentas e equipamentos ou dogmas. Deduzi, de minhas conversações com outras bruxas, tanto tradicionais quanto solitárias, e de leituras sobre as práticas de outros povos, ser uma prática comum não se conformar a um estilo ou formato. Foi essa abordagem pagã que incitou o afastamento da Reforma Protestante da elaborada ostentação do ritual católico — codificado e sectário sem espaço para a improvisação e sem a necessidade de compreensão — voltando-se para uma expressão mais simples da religião.

Não é uma coincidência que as cerimônias da Roma católica tenham sido descartadas pelos povos germânicos com herança e prática pagãs rurais. As vestimentas, formalidades e tipo de altar católicos são provenientes do imperador romano Diocleciano, que governou como um deus, sendo devidamente venerado como tal. A Igreja Católica simplesmente apropriou-se das cerimônias dioclecianas e as rotulou de cristãs, após o afastamento do velho imperador. O papa tornou-se o imperador da religião. John Romer oferece uma análise fascinante dessa evolução da prática religiosa em sua apresentação em vídeo, *Testament*.

A Conexão de Tudo

A bruxa de nível Verde não precisa de instruções detalhadas sobre a aproximação com o Divino, pois bruxa e Divino conectam-se como Um. A bruxa Verde só realiza rituais que apelam para um ponto de enfoque individual, sendo estes mais elaborados ou mais simples em função do temperamento que os ditar. Em muitas pessoas praticantes da Bruxaria Verde natural, há um senso de anarquia festiva, ao lado de um senso de posse, porque a bruxa não é uma administradora da Terra, a bruxa é a Terra. O que a Terra é, a bruxa é — seja parte do Sistema Solar, da galáxia, do Universo, ou mais — somos uma parte integrante do Todo. Como expresso na série de televisão *A Practical Guide to the Universe*, somos todos constituídos de poeira de estrelas.

Sendo parte da Terra, em todas as suas manifestações, somos então panteístas e animistas. O planeta é como o caldeirão de Cerridwyn, e fazemos parte do ensopado fervente em seu interior. Às vezes subimos à superfície, estouramos e voltamos para a sopa, misturando-nos ao seu conteúdo e subindo novamente. As formas da criação são sempre mutantes, pois a mudança é um sinal de vida e não algo a temer. A ciência reconhece, como faziam os antigos, que a energia é imortal, uma visão em desacordo com a mensagem do Cristianismo — acredite na imortalidade de Jesus ou morra.

Mas até mesmo esse dogma é confuso, pois as Escrituras declaram que os incrédulos viverão realmente para sempre, só que num lago de fogo e/ou nos tormentos do inferno (um lugar curiosamente denominado segundo a Deusa norueguesa Hel¹, soberana do submundo nórdico, para onde todos iam após a morte para repousar antes do renascimento).

No nível Verde, a vida é uma energia imortal. A mensagem da Deusa de que não “morremos” é o que a religião judaica tentou suprimir há 2,5 mil anos em sua história da Árvore da Vida (um tema dravídico). Para os estudantes de religião e cosmologia, é comum afirmar-se que a Deusa representa a matéria (*Mater; Matri; Mãe*) e o Deus representa a energia (Espírito; Fogo; Pai). Ele é a vida, e ela é a forma assumida pela vida; um precisa do outro para sua definição. Essa é uma herança de quase 30 mil anos de Shiva e Shakti dravídicos. É a tendência atual à rejeição da matéria em favor da energia que lança as pessoas num conflito com sua própria existência. A negação da unidade de nosso corpo e espírito projeta um elemento de auto-repugnância à nova religião controladora do prazer da vida individual, impondo restrições artificiais e transformando a morte em algo preferível à vida.

Na espécie humana, o ódio pelo receptor material do espírito, o corpo, é representado pelo suicídio. Grande parte das guerras da sociedade e dos problemas psicológicos pode ser rastreada até a separação das pessoas de sua alegria de viver em unidade com a Deusa e o Deus. Na verdade, os primeiros cristãos, entre eles Santo Agostinho, ensinavam que a união sexual era o mal, e ter filhos era a evidência do pecado cometido e todas as pessoas deveriam ser celibatárias para ter valor no reino de Deus. Agostinho manteve uma amante durante a maior parte de sua vida sacerdotal; no entanto, adiava o batismo na crença de que seria então perdoado. É muito interessante que o destino do “mau” rei Herodes — uma morte dolorosa por vermes intestinais, vista como um sinal da punição de Deus — tenha sido a mesma morte de Santo Agostinho, mesmo sendo chamado de santo. Se as pessoas realmente praticassem o que o Cristianismo primitivo pregava, o resultado teria sido o fim da espécie humana. Por esse motivo, os chamados para esposar os “valores da família cristã” são historicamente cômicos — foram os pagãos romanos durante o século V d.C. que denunciaram o Cristianismo como prejudicial aos valores da família (Tácito). Recomendo a agradável leitura de *History of Civilization: Part IV, The Age of Faith*, de Will Durant, para quem queira iniciar um estudo sobre história religiosa.

As conexões encontradas por meio dos elementos Verdes da Arte colocam seu praticante em harmonia não apenas com a Senhora e o Senhor (que são considerados iguais), a terra, as estrelas e o Universo, mas também

I. N. do T. — A autora refere-se à palavra inglesa *hell*, que significa *inferno*.

com outras formas de vida e com os elementais. Os quatro elementais são mais que uma personificação da terra, do ar, do fogo e da água; mais que os símbolos de cores, direções, estações e aspectos. Eles são as entidades reais dos poderes que o praticante pode invocar em seu auxílio. Eles são parte da Deusa e do Deus, mas, assim como muitos cristãos se sentem melhor em recorrer ao Filho de Deus, ou aos santos, muitas bruxas descobrem que trabalham melhor concentrando-se nos poderes elementais das Deidades Duais. Como são aspectos do Senhor e da Senhora, ambos são considerados em relação a cada deidade; no caso da Senhora (matéria), a terra e a água, no caso do Senhor (energia), o ar e o fogo. Vejo nisso um significado mais profundo.

Há quem veja os elementais como forças desconhecidas sem personalidade — como “algo”. A meu ver, sendo eu constituída por partes desses elementais, sou “quem” eles são. Eu os chamo de minha família: a terra está em meu corpo, o ar movimenta minha respiração e rege o meu intelecto, o fogo é a chispa de energia dentro de mim e em minha paixão e a água está em meus líquidos corporais e em minhas emoções. Aprendi, pelos contatos com outras bruxas, que não estou só neste ponto de vista, assim talvez esta seja uma propensão subjacente à Bruxaria atual que, simplesmente, não foi bem divulgada.

Minha aproximação pessoal com os elementais, desenvolvida a partir da herança panteísta de minha mãe e de sua mãe, não é encontrada na maioria das tradições de meu conhecimento. Meus estudos subsequentes indicam que minha mãe e minha avó, ambas brasileiras, de ascendência celtibera (cujo sobrenome é o nome de um deus céltico), transmitiram-me uma perspectiva praticada ainda hoje na moderna origem das religiões dravídicas e védicas, conhecidas como hinduísmo. A Bruxaria de herança européia contém aspectos da cultura dravídica, que se disseminou por meio de uma série de migrações, sendo a onda mais recente a dos ciganos (a princípio considerados egípcios pelos europeus, mas, subsequentemente, reconhecidos pelos historiadores como procedentes da Índia, tendo um ramo viajado pelo Egito, chegando mais tarde à Espanha, por volta do século XII d.C., e outro ramo pela Europa Oriental), e considero tanto as qualidades panteísticas quanto animistas como partes da relação com os elementais.

Ao se conectar à natureza e ao Universo, a bruxa espera passar por novas e significativas experiências e com isso adquirir *insights*, o que é uma boa razão para se manter um diário de sonhos e visões. Em razão dessa inspiração, vejo que os elementais são forças tão “pessoais” quanto o Senhor e a Senhora — a conexão entre o Deus e a Deusa e os elementais é maravilhosa demais para ser banida ou evocada como mera lembrança. Depois de muito ponderar se deveria ou não incorporar essa tradição à minha prática pessoal, cheguei à conclusão de que, de minha perspectiva animista, isso não era correto.



As conexões encontradas por meio dos elementos Verdes da Arte colocam seu praticante em harmonia não apenas com a Senhora e o Senhor (que são considerados iguais), a terra, as estrelas e o Universo, mas também com outras formas de vida e com os elementais.

A Lei do Retorno

Nas tradições wiccans e em todas as formas de prática de magia, existe uma Lei do Retorno. Na Wicca, esta é geralmente chamada de Lei do Triplo Retorno, ou seja, sempre que se emite um poder mágico, ele retorna triplicado, porém esse conceito foi-me ensinado de maneira mais equitativa por minha mãe e avó materna. “O que se envia, volta”, disse-me minha mãe em várias ocasiões. Este é um elemento Verde cuja reformulação é encontrada em crenças dominantes como “faça aos outros o que gostaria que lhe fizessem”. Estou mais inclinada a aceitar uma Lei do Retorno equivalente, que aparece com mais frequência em diversas fontes nos vários sistemas de crença e filosofias gregas. A ênfase original não estava tanto em ser um bom vizinho e cumpridor das leis civis, senão na advertência de não cultivar a magia para fazer o mal aos outros. Disso provém a declaração da tradicional Rede das bruxas: “Faça o que quiser, mas sem prejudicar a ninguém”, que acrescentei à minha prática Verde por sua propriedade e uso disseminado na Wicca. A Lei do Retorno sempre foi o principal guia para a minha mãe e minha avó, e a lógica de ambas é a mesma. Não se prejudica os outros, pois o que for enviado, voltará; portanto o indivíduo estará prejudicando a si mesmo.

Uma Religião e uma Arte

Como ressalta Marion Green em seu livro *A Witch Alone*, a Bruxaria é tanto uma religião, que reverencia ao Senhor e à Senhora (e não uma crença em ambos, pois sua imanência torna a fé desnecessária), quanto uma Arte, com fórmulas mágicas, encantamentos e uso do conhecimento de ervas. Na tendência atual da vida, a lei da prática religiosa pagã passou a relacionar-se a regras civis, sendo apresentada como ética, enquanto o poder da magia passou a ser uma propriedade de sacerdotes e distribuída em nome do povo, sob certas condições e com a devida compensação.

Isso leva a um outro aspecto dos costumes Verdes do passado: a magia não era realizada com pagamento em moeda. Se uma pessoa fizesse uma doação por vontade própria, isso era aceitável, mas a bruxa raramente pedia ou exigia algo em troca. A herança Verde indica que se fazia um intercâmbio para “garantir” a magia, como nos contos de fadas, isto é, dar um presente para receber um presente. A instrução era uma outra questão, porém, considerada de maneira diferente do magistério na escola. O “estudante”, na realidade, era um “buscador” e, nesse caso, exigir um pagamento

poderia constituir um obstáculo ao seu desenvolvimento espiritual, com exceção talvez de um serviço de aprendizes. No entanto, as coisas mudaram, e hoje não é realista o ideal de uma bruxa de vilarejo com o seu aprendiz ou fazer magia e receber pagamentos simbólicos, como alimento e material. O número de buscadores é enorme e a despesa de treinamento seria proibitiva. A Arte é aprendida realmente por intuição; portanto, a bruxa mais experiente só pode oferecer o benefício dessa experiência, cabendo ao buscador aceitar ou descartar. Afinal, é o buscador que deve se conectar pessoalmente à Senhora e ao Senhor. A aprendizagem, contudo, é uma estrada sem fim.

Solitária ou Pública?

Em sua maioria, os elementos Verdes da Arte, desde suas origens, são considerados uma prática solitária, ainda que tenham elementos públicos, reúnam-se em *covens* e sobreponham-se a quase qualquer tradição. Entretanto, o aspecto de união pessoal com o Divino não se presta ao dogma, e um *coven* focalizado nos elementos Verdes teria de apresentar variações na abordagem. Quando “redescoberta” a Wicca, no início do século XX, a idéia inicialmente promovida foi a de que sempre existiram *covens* de bruxas praticando sua Arte num ambiente secreto. Mais tarde, quando era difícil defender as teorias de Margaret Murray sobre práticas contínuas, postulou-se que a tradição wicca nunca havia sido transmitida e tudo o que, hoje, se autodenominasse Bruxaria, basicamente, só poderia ser invenção. Essas idéias são conhecidas entre as bruxas praticantes; foram escritos vários livros e artigos a respeito e, em alguns casos, surgiram controvérsias na comunidade pagã. O Paganismo tem muitas seitas e denominações, exatamente como Cristianismo, Judaísmo e Islamismo, e algumas são muito defensivas com relação à sua herança. Do ponto de vista pragmático, isso é desnecessário.

A Herança da Avó

Ouvi muitas pessoas perguntarem o que fazer para se tornarem “bruxas reais”, e isso, para mim, é incômodo. As tradições que dependiam de uma série de iniciações (gardneriana e alexandrina, por exemplo), às vezes, são apresentadas como “legítimas” por seus vínculos com Gardner, enquanto a chamada “Herança da Avó” viu-se restrita às conclusões errôneas de Murray, passando a ser aceita, basicamente, como fraudulenta. No

entanto, aceitar uma visão estreita, que transforma os herdeiros de uma variação gardneriana específica da Wicca em “verdadeiros” bruxos, é fingir que nunca houve outros bruxos no mundo, ou manter uma visão míope, limitada à Europa. Mais uma vez, essa questão poderia ser considerada mera terminologia. Para alguns, a palavra wiccan não significa o mesmo que bruxa, mas as definições ainda são nebulosas e pode ser que, no decorrer das próximas décadas, ainda venham a ser elaboradas. Para mim, a idéia de ser bruxa não é um problema, mas não me vejo ainda como wiccan, a não ser com o uso intercambiável das palavras.

O que talvez se some a essa confusão não é o fato de não haver uma “Herança da Avó”, mas é ter esta provocado equívocos entre as pessoas que escrevem sobre os wiccans orientados em *covens*. Com base em minha própria experiência, há, na realidade, dois tipos de “Herança da Avó” — aquele em que a avó (e/ou avô) praticava artes populares, sem relação com as convenções religiosas da Terra, e aquele em que o avô praticava a Arte no âmbito dessas convenções religiosas. Os elementos Verdes, em sua maioria, sobreviveram a 2 mil anos de opressão cristã, ou pela integração às religiões prevalentes, ou pelo não-reconhecimento. O trabalho de magia era feito sem pagamento, não havendo envolvimento de leis civis e somente com a troca de objetos simbólicos, como um sistema de troca à parte do setor de impostos e burocracia.

Em minha própria experiência familiar, minha avó materna era conhecida, em sua região, como herborista e curandeira. Ela era consultada mesmo quando havia médicos disponíveis, pois era conhecida por curar, com seus remédios herbáceo, até os casos mais desesperadores. Os pagamentos que recebia eram coisas como galinhas, frutas e peças estranhas espalhadas em torno da casa e do quintal. Muitas vezes, o que recebia era apenas gratidão. Ela era procurada para feitiços, curas, “o poder” e conselho, mas ninguém a chamava de bruxa; trabalhava de maneira bastante confortável no âmbito das tradições populares da Igreja Católica no Brasil. Em seu caso, não havia elementos da *macumba* afro-brasileira; em vez disso, ela se voltava para suas raízes celtiberas de Portugal e Galícia (nordeste da Espanha). Não causa surpresa que considere os textos sobre Bruxaria céltica os mais significativos para mim, porém, incluo a conexão dravídica. Minha mãe também se relacionava com o Shiva dravídico, por seu aspecto de mestre e curador; quando seu irmão entrou na faculdade de medicina, ela o presenteou com um pequeno Shiva.

O povo não-aborígine dos Estados Unidos, em sua maioria, perdeu o contato com as raízes pagãs simplesmente por não se expor a elas há dois séculos. Isso é particularmente verdadeiro com relação aos descendentes de europeus. A cultura religiosa da América cristã é bastante apagada se comparada com a da Europa cristã. Quantas pessoas na América conhecem a Dança de Morris, o pulo sobre a fogueira, a dança em volta do mastro

enfeitado com fitas e flores, o homem verde, a parada dos bobos, ou quaisquer outras tradições pagãs ainda mantidas na Europa e nas Ilhas Britânicas dentro do contexto cristão ou paralelas a ele? Não há pedras verticais às quais se relacionar (como Avebury ou Stonehenge), não há milhares de anos de história pré-cristã com base européia, mitologia e cenários e nem cavernas de antigos ancestrais, túmulos e arterfatos funerários para influenciar as práticas religiosas do americano descendente do europeu.

Tenho uma sensação de perda por essa distância entre as bruxas americanas e sua herança européia, pois, por mais que se estude e aprenda, a cultura não está “viva”. O que atrai na Arte é a expressão proveniente de experiências e sentimentos do praticante. Por exemplo, é agradável aprender o celta (todo conhecimento é agradável), mas há grande diferença entre aprender o idioma e ser criado como um celta, em Gales.

Mesmo na Europa, os celtas são um povo indefinível. Outras culturas, seja a romana, germânica, nórdica ou saxônica, trabalharam tão diligentemente, no decorrer dos séculos, para erradicar os rivais étnicos celtas, que só resta hoje aos europeus com essa ascendência juntar os fragmentos do que foi céltico um dia. Atualmente, os lugares na América, onde é acentuada a herança pagã, são aquelas áreas em que os costumes populares de grupos étnicos isolados permaneceram quase inalterados, como é o caso das práticas célticas de pessoas com herança irlandesa ou escocesa, nos Montes Apalaches.

Outro aspecto de uma solitária “Herança da Avó”, que dificulta uma avaliação dessa influência, é a falta de treinamento formal dos praticantes solitários em comparação com os *covens* modernos. Minha avó (e há outras bruxas com experiências semelhantes) nunca instruiu ninguém em curas herbáceas, fórmulas mágicas ou encantamentos, mas utilizava-os na vida diária, quando necessário. Os membros da família simplesmente captavam as coisas só pelo fato de conviverem com as práticas reais. Minha própria mãe transmitiu algumas fórmulas mágicas e princípios orientadores, mas sei que muitos feitiços se perderam porque ela os esqueceu ou nunca houve necessidade de serem utilizados.

Apesar disso, minha mãe se considerava católica, pois, para ela, a Igreja Católica era uma conexão com o passado pagão e, em seus últimos anos, o que a motivava a freqüentar a missa eram os óleos de unção e a magia sagrada do sacerdote. Não obstante toda a retórica católica sobre pecado, paraíso e inferno, ela acreditava ainda fervorosamente no espiritismo e na reencarnação — idéias que seriam consideradas não-cristãs, caso falasse de maneira descuidada a respeito delas. Assim, para muitos solitários, a herança sempre esteve aí, evidenciada talvez por costumes não-ortodoxos, coexistindo com as práticas cristãs.

Os elementos Verdes da Arte são como a “Herança da Avó” — silenciosa e sem ostentação. Há aspectos da Antiga Religião que se transferiram para a tendência dominante, como a árvore de Natal (um desenvolvimento

cristão relativamente recente), o visco, o azevinho, etc.; alguns deles, por seus vínculos pagãos, eram ilegais há apenas dois séculos. Hoje, essa tendência a incorporar as práticas pagãs é muito mais manifesta em pessoas que se vêem como cristãs, mas também aceitam as idéias da Nova Era. Os cristais, as ervas, as velas e a meditação induzem com facilidade a um ambiente cristão.

Chegando em Casa

Para muitas bruxas modernas, a sensação de chegar em casa, que é encontrada na Wicca, deve-se, em parte, a uma aceitação pessoal do processo intuitivo que resgatou a herança antiga. Para o êxito da transição, devem ser descartados os receios infundados, induzidos pelas crenças dominantes com o propósito de controlar seus membros, e o indivíduo deve estar aberto ao poder da Deusa e do Deus. As deidades da Wicca não são as deidades políticas punitivas das religiões convencionais. Quando a Wicca fala de amar o Deus e a Deusa, não há uma lista de leis, exigências de dieta, dogmas, formas de adoração ou mesmo necessidade de reconhecimentos do tipo “testemunho”. Não há senão uma maior a ser lembrada: “o que é enviado, volta”.

Os materiais Verdes utilizados com maior freqüência são as ervas e outros objetos naturais (flores, galhos, nozes, pedras, cascas, etc.), velas e invocações. Também se usam óleos, inscrições, cordões de fibras, penas e tecidos naturais, como lã, algodão e musselina (que é, simplesmente, um algodão mais forte). Às vezes, esses objetos são armazenados como parte de um suprimento mágico, mas, geralmente, são obtidos nas proximidades, conforme a necessidade. O Senhor e a Senhora sempre proverão o que é preciso para se fazer um encantamento, desde as palavras para o ritual até os materiais a utilizar. Você aprenderá com a experiência a confiar neles para suas necessidades.

Outro item encontrado no costume Verde é uma estaca bifurcada (*stang*)². Tive muitas ao longo dos anos. Mudei de casa muitas vezes e sempre encontrei uma ótima estaca na nova localidade. A estaca é utilizada enquanto moro numa área, mas deixo-a para trás quando mudo de casa, pois pertence àquele lugar.

Só recentemente isso mudou, e a maneira como se deu essa mudança foi significativa para mim. Atualmente, estou numa área de que gosto muito, mas logo estarei mudando novamente para onde deverá ser minha residência definitiva. Ao chegar aqui pela primeira vez, sem dúvida logo ganhei

2. N. da T. — A estaca é usada como símbolo de alguns covens.

uma estaca e, quando percebi que faria a nova mudança, comecei a pensar em levar comigo algo do espírito dessa área. Havia algumas lindas árvores na vizinhança, muitas das quais já cortadas. Ao passar por uma pilha de árvores podadas, notei que, no monte de restos, havia muitas estacas bifurcadas, fortes, retas e perfeitas. Agora, tenho estacas permanentes para todos da família, e a decoração individual de cada uma é um ritual que personaliza a estaca, ao mesmo tempo que nos permite levar conosco uma parte do espírito desta região. De uma certa maneira, fui presenteada com os últimos vestígios de árvores que se foram, e as estacas permanecerão ligadas ao Senhor e à Senhora quando servirem aos ritos e trabalhos da Arte. Essas estacas podem ser utilizadas como altares naturais em rituais ao ar livre ou, simplesmente, como cajados para caminhada. Quando em recinto fechado, minha estaca é a portadora de alguns dos meus instrumentos: penas, cordão, sacola e guirlandas sazonais.

Conexões da Arte

As deidades do nível Verde da Arte são as Antigas da história da humanidade, com nomes que bruxuleiam às margens de nossa percepção de 2 mil anos atrás e, portanto, não têm nome. Muitas denominações populares para o Deus e para a Deusa, existentes nas comunidades wiccans, têm suas origens em várias heranças. Entre estes nomes estão Cerridwen, Cernunos, Hécate, Herne, Danu, Lugh, Parvati, Shiva, Kali, Hades e muitos outros do Oriente Próximo, do Extremo Oriente, da Europa, da África e da Américas. Porém, os mais antigos dos antigos são Grande Mãe e Grande Pai, Senhor e Senhora, que figuram na criação e na destruição, no início e no fim e ainda na renovação e no renascimento.

Embora muitas modernas tradições da Wicca incorporem elementos da magia Cerimonial, associando Cabala e listas de anjos, arcangels (e suas contrapartes demoníacas), reinos e níveis, esses aspectos são desnecessários para a experiência Verde. Em vez disso, ocorre uma comunicação aberta com os antigos e, à medida que praticar este diálogo, seus poderes serão aumentados pelo uso. Os instrumentos do intercâmbio são os familiares; por exemplo, a bruxa de cozinha dos tempos modernos está próxima dos elementos Verdes da Arte. É desnecessário seguir um padrão específico de atividade na condução do ritual porque a ênfase está na individualidade. As pessoas de hoje não precisam imitar os supostos padrões de comportamento humano de alguns séculos (ou milênios) atrás para fazer o que parece ser o correto. Algumas vezes, a aproximação com costumes esquecidos intensifica o trabalho ritualístico; em outras ocasiões, enfraquece-o. Somente o praticante pode decidir o que deve ser usado ou descartado.

No passado, por exemplo, só a nobreza usava espadas; as charnecas certamente eram muito frias e úmidas para os círculos de nudismo, especialmente numa época em que a doença era uma ameaça terrível à sobrevivência, e as pessoas, em sua maioria, eram iletradas e não se regiam por calendários para as coisas da natureza, mas, sim, pela mudança das estações, quando estas de fato ocorriam. Os calendários da herança romana foram reformulados pela Igreja para institucionalizar um comportamento em conformidade. Nos tempos modernos, à parte as inibições das religiões ortodoxas, o fato de dançar nu pode ajudar, ou então, desenhar um círculo com uma espada pode acrescentar visualizações para o indivíduo. É sempre uma questão de escolha pessoal.

Quem praticava o nível Verde da Arte eram as pessoas comuns, o povo que vivia perto da terra e conhecia os ciclos da natureza em seu giro no tempo e os padrões de crescimento. Seus utensílios eram da natureza ou de seu cotidiano existentes na região, e as capas rituais deveriam ser as mesmas do vestuário diário, ou um traje de festivais, supondo-se que tivessem a felicidade de possuir tal coisa. Não tinham uma litania escrita, pois eram analfabetos, e transmitiam sua Arte por meio de vários mitos e práticas diárias. Em *Buckland's Complete Book of Witchcraft*, são oferecidas muitas opções, admitindo-se que o praticante da Arte lance mão dos elementos e os selecione para formular um caminho conveniente. Nesse sentido, é uma excelente obra que apresenta as inúmeras variedades de abordagens da Arte.

Uma União Simbólica

Recebi cartas de várias mulheres perguntando-me se para se tornarem bruxas "reais" devem manter relações sexuais com o líder de um *coven*. Esse é outro aspecto controverso da Arte que precisa ser discutido simplesmente porque não pode ser ignorado. A idéia de ter de manter relações sexuais com o líder de um *coven* produz o efeito indesejável de ligar a Wicca a cultos cristãos, como os de Jim Jones ou David Koresh (nos quais garotas de apenas 11 e 12 anos eram submetidas, por seus pais dominados, ao controle destes homens, para iniciação sexual e para serem fecundadas pelos líderes do culto), mas *não* é assim na Wicca. Em várias publicações pagás, as pessoas são constantemente advertidas sobre o potencial para a dominação, controle e egomania numa situação de *coven*. Mais uma vez, se algo lhe parecer desconfortável, então não é adequado para você. As bruxas não são praticantes de um culto; pelo contrário, são individualistas, e sempre que encontrar um ambiente de *coven* onde se negue o poder do indivíduo, será melhor procurar outro lugar para se associar.

Para os que imaginam que a energia sexual produza resultados mágicos, esta é, na realidade, uma situação um pouco duvidosa e diferente a cada tentativa. A psicologia sexual humana é imensamente variável, não apenas entre casais, mas também a cada encontro, em termos individuais. A sexualidade é de natureza tão pessoal e íntima que somente quem sabe verdadeiramente como são as coisas está em condições de experimentá-la. Mas, para um casal manter uma relação sexual visando a um determinado propósito, uma pessoa deve depender totalmente da outra para não se desconcentrar nem se perder em imagens mentais, e quantos indivíduos podem afirmar honestamente que conseguem isso? Talvez funcione, porém, digo mais uma vez, talvez não. Rhiannon Ryall em *West Country Wicca* diz que, em sua infância, os membros do *coven* acreditavam que, se uma mulher engravidasse durante a iniciação, não estaria apta a trabalhar adequadamente com a magia. Assim, além do inesperado (e talvez indesejado) bebê, a mulher seria acusada de perturbar a magia e considerada uma bruxa incompetente. Essa atitude, além de degradante para as mulheres, é simplesmente uma outra maneira de afirmar a dominação masculina numa religião que deveria ser regida pelo equilíbrio. As chances de gravidez dependem muito dos ciclos internos da mulher, sem qualquer relação com o ato de fazer magia para ser distribuída numa assembleia (como é sugerido por Ryall). Hoje, o risco da Aids e das doenças sexualmente transmissíveis (DSTs), sem considerar o possível dano psicológico, deve ser compensado pelas expectativas de ganhos. As chances de êxito são muito maiores para os casais monogâmicos, em que há a preocupação mútua dos parceiros e, em caso de insucesso, é menor a probabilidade de ser provocado algum dano psicológico.

Os etruscos realizavam as uniões sexuais na presença de outras pessoas, sem qualquer preocupação e, depois dos banquetes, deleitavam-se assistindo uns aos outros, segundo os escritores gregos (que consideravam tal comportamento ignominioso). A cópula pública era perfeitamente aceitável, e os homens não sabiam, nem se preocupavam em saber, quem havia gerado os filhos num casamento — mas essa sociedade não existe mais (Massa, *The World of the Etruscans*). Quem poderá dizer se a pretensa imoralidade dos imperadores romanos não seria uma tentativa de retornar à herança etrusca que precedeu os romanos? No entanto, ainda que as sociedades mudem, não estamos separados de nossas culturas e, assim, o acesso de um *coven* à magia sexual pode ter um resultado com uma tônica mais de sofrimento e infelicidade que de geração de poder. Parece razoável, então, que essa magia se reserve a casais oficiais ou reconhecidos.

De que se trata, então, a história do Grande Rito? Era a união simbólica da energia e da matéria, mais tarde substituída pela transubstancialização hoje utilizada na Eucaristia cristã. A transformação da unidade de Deus e da Deusa em união física humana originou-se de um casamento entre a Grande Sacerdotisa e o rei secular que governava por um ano e um dia. Merlin Stone (*When God was a Woman*) e Joseph Campbell (série *Masks*

of God) apresentam *insights* sobre o desenvolvimento dessa prática em diferentes culturas, particularmente no Oriente Próximo. O público testemunhava essa união de líderes sagrados e seculares, acreditando que isso assegurava por um ano a fertilidade da terra e das pessoas. No final daquele período, o rei era executado em sacrifício voluntário, e seu papel passava a ser então o de um Deus Sacrificado; seu corpo e sangue eram distribuídos pelos campos do reino numa comunhão sagrada ceremonial. Na realidade, esse é o ancestral do sacramento cristão com o mesmo título, comunhão, e renascendo como o milho (*corn* é a palavra inglesa utilizada na Europa com o significado de grãos, especialmente trigo ou aveia; o mesmo termo, significando milho, refere-se a uma planta da América), que sustentava o povo.

É importante lembrar, porém, que se tratava de uma realização pública, institucionalizada, relevante apenas naquele momento da história em que surgiu. As bruxas modernas não realizam sacrifícios de sangue, nem queimam ou estrangulam mensageiros para os deuses. Da mesma forma, não realizam uma união sexual diante de toda a comunidade nacional — e a palavra “nacional” é vital. O evento antigo não se restringia a um pequeno público de membros selecionados, como num *coven*, nem a uma determinada área isolada de uma pequena assembleia (uma opção oferecida por alguns *covens*), mas diante de milhares de espectadores como parte integrante de uma cerimônia civil. Os espectadores participavam, então, do banquete, das uniões sexuais e da celebração em geral. Era um evento social.

A aplicação da união sexual à Bruxaria representa mais um Cerimonial que uma herança wicca, pois tem origem num período tardio de um sacerdócio instituído. Isso ocorreu quando o poder da liderança feminina na religião foi usurpado por sacerdotes arianos, quando então as sacerdotisas se tornaram um instrumento de procriação pelo qual um rei secular permanente (ou faraó) chegava ao trono de maneira legítima pelo casamento (veja Stone).

Com relação à bruxa prática, o Grande Rito é realizado introduzindo-se a faca (*athame*) no cálice durante o ritual; assim, enquanto o primeiro evento situa-se fora do contexto de um *coven*, o segundo é pessoal e simbólico, sendo adequado tanto para um ritual particular quanto para um *coven*. A união simbólica do homem e da mulher dá-se para a felicidade de ambos e, certamente, para quem se sentir mal com a idéia de manter relações sexuais com o líder de um *coven*, a atitude correta é não fazê-lo.

Na realidade, existem apenas alguns *covens* que exigem a união sexual para se atingir um grau mais elevado de iniciação; porém, é uma exceção e não a regra. A bruxa Verde passa pela experiência do Grande Rito pela união pessoal com a Senhora e o Senhor. O uso de “graus” é uma prática derivada de ordens mágicas Cerimoniais e não precisa ser aplicado à Bruxaria. Como diz Marion Green, ou você é uma bruxa ou não é: não existem graus envolvidos. O sacrifício real do rei tornou-se obsoleto, sendo substituído pela cerimônia simbólica; portanto, nem é o caso de se reviver em parte uma prática que até antigos descartaram totalmente.

A Chave para o Verde

O elemento Verde no centro de toda a expressão da Arte é a Deusa imortal, tríplice e associada à Terra, à Lua e às águas vivas (sagradas), e o Deus imortal, tríplice e associado à Terra, ao Sol e ao céu. Como o Deus do grão e das fases solares, ele também representa o sacrifício voluntário que “morre” e “renasce” na Deusa, no ciclo anual das estações. Deus, o Pai, Deus, o Filho, e Deus, o Espírito Santo, é o conceito da Trindade que remonta há 30 mil anos, a Shiva, o Deus Tríplice. Ele é tanto a semente como a energia eterna da vida.

O termo “Verde” é, portanto, um pouco genérico para os elementos que podem ser encontrados nas Bruxarias herbácea, natural, tradicional ou de tradição familiar, e tem uma grande flexibilidade e diversidade. Os elementos Verdes podem ser adaptados aos aspectos Cerimoniais considerados atraentes e constituem o nível básico da tradição Odinista (muito restritiva com relação à aceitação dos elementos — não são utilizados, por exemplo, Cabala e Tarô). A chave para a faceta Verde da Bruxaria é estar em sintonia com a natureza e as forças naturais que a cercam.

Festivais Verdes

Os festivais do nível Verde estão centrados nos solstícios e equinócios. Marion Green refere-se aos outros Sabás como “Festivais Brancos”, relativos a eventos nas vidas da Deusa e do Deus, mas, na realidade, os Sabás solares também se relacionam aos eventos de suas vidas-mitos, e um total de oito Sabás pode ser visto como uma história de contínua sobreposição mística. Quando eu era criança, a mudança das estações — primavera, verão, outono e inverno — era observada por minha família, junto com a véspera do dia de Todos os Santos e a Festa da Colheita, ignorando-se, portanto, dois Sabás tradicionais — Imbolc, em fevereiro, e Lughnassadh, em agosto. Há muito tempo, incluí, então, esses dois Sabás em minha própria roda do ano, pois descobri que são relevantes e completam o meu ano.

Como as estações de plantios e colheitas são variáveis, dependendo de onde nos localizemos no mundo, de um ponto de vista prático, os oito Sabás concentram-se em quartos e em quartos cruzados³, conforme sua relação com o mito do Deus e da Deusa. Eu classifico os festivais solares

3. N. da T. — Os quartos referiam-se às quatro estações. Os ciclos marcantes dentro das quatro estações foram chamados pelos antigos de quartos cruzados, ou Sabás das bruxas, por serem considerados um período de muito poder no qual as bruxas atuavam.

em quartos, os Sabás menores, e os quartos cruzados, os Sabás maiores, localizados em pontos intermediários entre eles; porém, em leituras sobre as diferentes tradições da Wicca, tenho observado o uso intercambiável dessas classificações, em várias combinações. Em alguns *covens*, são celebrados apenas quatro Sabás; em outros, conforme o Sabá, os papéis de liderança entre o Sumo Sacerdote e a Grande Sacerdotisa são trocados. Cada Sabá merece atenção pela sintonia com a Terra e com o Universo, mas, como vez ou outra tenho omitido alguns, sei que isso é comum entre outras bruxas. Algumas vezes, a celebração ocorre um dia antes ou depois da época normal, e sempre dá resultado porque a Arte não é dogmática nem possuída de ortodoxia. A contribuição do próprio indivíduo é vital.

Poder Pessoal

À medida que estudar a Arte, faça suas próprias interpretações e variações. Não existem encantamentos ou receitas infalíveis, porém, os apresentados nesta obra foram experimentados e são fórmulas verdadeiras que atingiram seus objetivos. Cada bruxa deve fazer algum tipo de mudança para personalizar uma fórmula adotada de um livro de feitiços. As tabelas de comparações podem ser manipuladas da forma mais adequada dentro de um esquema geral. Algo importante a ser lembrado é que a magia assume um lugar entre você e as deidades invocadas. É pessoal, e você cria o seu próprio poder sublime.

PRINCÍPIOS BÁSICOS

O simbolismo da Wicca não muito consistente em questões teológicas. O modo de trabalho em quatro partes: os quartos, os Sabás, as fases da Lua e as tradições (os Sabás menores) e os quartos cruzados. No entanto, existem muitos pontos intermediários dos quatro principais. Para obter alguma segurança em livres adaptações a esses termos, é necessário entender os termos utilizados. Um mês é dividido em quatro fases da Lua: "Noviluna", "Primeras" e "Últimas" para os Sabás, e os quartos correspondentes. Os quartos das quatro estações, formando o Circuito, é a rota de rituais. As fases da Lua são usadas para determinar os dias que os rituais devem ser realizados. As fases da Lua são divididas em quatro quartos: "Noviluna", "Primeras", "Últimas" e "Última".